

Maria Cristina Ocariz
Janete Frochtengarten

As idéias parasitas

Visando aprofundar o debate em torno das idéias de nossa entrevistada,

Percurso propôs a duas colegas do Departamento a seguinte questão:

"A formulação de Radmila Zygouris sobre as idéias parasitas foi publicada no artigo 'Olhar Selvagem' (Percurso nº 11, 1º semestre de 1994). Quais suas considerações sobre a ocorrência deste fenômeno no trabalho clínico?"

Maria Cristina Ocariz: No artigo "O Olhar Selvagem", Radmila Zygouris apresenta um fragmento de tratamento psicanalítico. No começo ela diz: "Confio na sagacidade do leitor para efetuar as permutações necessárias, sem lhe infligir as costumeiras *excursões teóricas*, produtos perecíveis que têm o dom de envelhecer mais depressa do que as histórias que pretendem esclarecer".

Eis aqui minhas "permutações".

A relação entre teoria e clínica na psicanálise é fundamental: não existe "a" teoria totalizante; toda teorização é regional, parcial. Mas a prática clínica não é improvisada, sem operadores conceituais que a fundamentem. Coincidiu com a afirmação de que alguns

Maria Cristina Ocariz é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.
Janete Frochtengarten é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

conceitos são perecíveis, no sentido de que precisam ser retrabalhados, reformulados, ao compasso do que a clínica nos exige. Mas não podemos prescindir deles. Isto não significa que os usemos de forma cristalizada, ecológica, estereotipada, porque assim eles não operam, perdem a vida, não dizem nada. O campo psicanalítico é muito amplo mas não é infinito. Tem seus limites: o limite bordado por seus conceitos fundamentais e pela ética de sua prática clínica.

Os pensamentos parasitas, dos quais Radmila nos fala, são aquelas idéias insistentes, aparentemente improdutivas, que se negam a trabalhar, a produzir ligações que dêem movimento ao processo psicanalítico. São idéias que ficam paralisadas, cristalizadas, que não invocam nem uma associação, nem uma suposição do analisando, nem uma construção do analista.

Um parasita não trabalha, mas vive à custa alheia. *Quem alimenta esse parasita?* Do meu ponto de vista, uma *idéia parasita* do analista nasce e cresce em outros corpos organizados: os pensamentos parasitas nascem em um dispositivo analítico onde se estrutura um fenômeno humano que foi nomeado por Freud como *transferência*.

Esses pensamentos podem fazer parte da dramática neurótica do analista, de seus pontos cegos, a serem trabalhados em sua própria análise. A autora deixa registro de que não se trata disso.

Que está acontecendo, então, na transferência? No caso apresentado, a situação transferencial se configurou de tal maneira que nenhuma das duas pôde se referir (pôde pronunciar palavra) ou perguntar sobre esse colar que fala ou está pedindo para ser falado.

Desde a primeira entrevista, o colar não era insignificante. O uso do colar era um acontecimento significativo, que produzia idéias parasitas na analista que a deixavam perplexa. O colar era um *significan-*

te petrificado, mudo, que não conseguia se articular em nenhuma cadeia que lhe desse sentido, cindido de sua história, cindido dos acontecimentos que o carregaram libidinalmente, que o investiram de modo tal que passou a ser a identidade da paciente. *Ela mal existia*. A analista diz: "Assim que ela entrava, eu só via o colar". Ela era o colar *aos olhos* da analista. Ela era uma

“

Um parasita não trabalha: nasce, cresce e vive num corpo alheio, no caso a transferência analítica.

”

parasita do colar. O colar tinha uma história de desejos e emoções. (Sua avó tinha roubado as jóias *só para as olhar*).

Na análise só se pôde falar desse colar depois de uma *intervenção em ato* da analista que surpreendeu a ela mesma (como toda interpretação mais genuína), mas que vinha se processando há quatro anos. Nesta permutação eu nomeio a intervenção da analista como *ato psicanalítico*. Foi Lacan que incorporou esta idéia na teoria psicanalítica (*Seminário "A Angústia"*)¹. A intervenção da Radmila não foi uma *atuação (acting-out)*, uma *intui-*

ção, nem uma inspiração "divina" (alguma entidade espiritual guiando seus passos).

"Os pensamentos parasitas são cruzamentos onde pisca um saber de uma outra espécie, aquele que só se aprende de si mesmo"².

Na análise pessoal o que se apreende, se vive, se sente, se aprende é de uma outra espécie mesmo. Ninguém pode saber o que é o inconsciente, seus mistérios, seus enigmas, se não passar por essa experiência que nos deixa sensíveis a ter pensamentos parasitas que não sabemos de onde vêm nem para onde nos levarão. Mas na análise também aprendemos a nos deixar levar.

Que cruzamentos se produzem na transferência? Qual é a relação entre o inconsciente do analista e o inconsciente do analisando? Existe uma comunicação de inconsciente a inconsciente? Na configuração transferencial existem dois inconscientes? Ou, o inconsciente é trans-subjetivo e portanto circula? Quero dizer: o que aparece como um objeto que a paciente carrega (ou como um objeto que carrega a paciente) é vivido como um sofrimento questionador pela analista. A idéia parasita é, neste caso, um sintoma do processo, uma mensagem sobre fatos da história da analisanda que elas ignoravam até então.

"Não há um inconsciente do analisando e outro do analista, *há somente um inconsciente em jogo na relação analítica*, aquele que se abre no momento do evento psíquico. Neste instante, analista e paciente se apagam em suas diferenças em favor de um dizer que vem ao mesmo tempo selar seu vínculo. *O inconsciente do analisando retorna em uma interpretação do analista*".³

"Os pensamentos parasitas contam a outra história, aquela que não posso ou não devo conhecer".⁴

A paciente tinha recalçado essa história. O medo a ser traída pelo inconsciente a mantinha em alerta constante. Ela utilizava suas pala-

vas para não falar. O mandato era calar. Mas o colar a traía, conseguia enganar a censura. Era o retorno no real da outra cena recalçada. Não conseguiu enganar a analista, que ficava irritada, tinha idéias absurdas, porque ela “sabia” que ele guardava alguma história. Mas recalque e resistência eram tão bem assistidos por recursos defensivos que durante quatro anos “esse saber” teve que se conformar em permanecer nesse lugar de idéia parasita.

Janete Frochtengarten: Penso não ser possível considerar uma formulação, seja esta de Zygouris, seja outra, de outro psicanalista, como um fenômeno que ocorre (ou deixa de ocorrer). A nomeação de uma modalidade de acontecimento particular, em um tratamento analítico, não o faz passível de ser abordado enquanto uma unidade em si, destacável e destacada de todo o campo no qual surge e ganha sentido. Caso assim fosse, estaríamos no universo das reprodutibilidades e não no das experiências transferências únicas. Aqui não é possível deixar de contextualizar.

Início, pois, localizando no texto de Radmila a formulação sobre a qual *Percurso* me indaga. A autora a propõe, no decorrer de um relato clínico, enquanto pensamentos com os quais é importante conviver, pois são a “chamada da razão dos sonhos, estranhos à razão do dia”⁵, muitas vezes, “de modo mais ou menos rápido, eu acabava por ligá-los à face diurna das coisas”. Na situação clínica escolhida para ser apresentada, no entanto, “eu não conseguia emendá-los ao que quer que fosse”⁶.

Embora Radmila aponte ao leitor, no “Olhar Selvagem”, a ausência deliberada das “costumeiras excursões teóricas”, pois as mesmas envelhecem cedo, no “Aprés-coup” de seu livro⁷, ao focar o escrito psicanalítico, diz: “quando o analista de-

seja transmitir sua experiência ou sua reflexão, é forçado a estabelecer um equilíbrio estético e ético entre uma abertura à teorização, isto é, uma exigência desta e o espaço deixado de modo latente ou patente à presença a do sujeito, aquele que avança e se adiante ao escrever”.

Vou entrar, então, pela abertura que o escrito de Zygouris me propicia para realizar a minha particular contextualização. Ela passa pelo acidentado caminho da contra-transferência; é no íngreme de suas trilhas que me parasitam... e me despertam invenções.

A designação *parasita* sugere em si a questão: parasita o que, a quem?

Da forma como a autora propõe, em uma de suas possibilidades, o pensamento parasita, quando se faz presente mais demoradamente, suga vitalidade, seca a seiva da produção psíquica do psicanalista, esvai o fluxo da escuta.

Sua outra possibilidade — a mais breve — é apenas mencionada, uma vez que não é dela que se trata na clínica em questão.

Esta dupla face dos pensamentos parasitas — temporário ou duradouro remete-me à distinção que Pontalis faz, em termos da contra-transferência, entre *posição* e *dominação*⁸. Recorro a esta teorização pelo fato dela, simultaneamente, ressoar em determinados desequilíbrios que tenho na poltrona e ajudar a sustentá-los.

Dentro desta aproximação que faço, o pensamento parasita passageiro equivaleria a *posição* contra-transferencial: ao analista é atribuída uma posição modelada pela encenação fantasmática do paciente (e mais especialmente pelas fantasias sado-masoquistas atualizadas na situação analítica). Por mais incômoda que seja, tal posição é superável e pode ir sendo desconstituída ao longo da análise.

O pensamento parasita com estatuto de habitante instalado equivale ao nível da *dominação* contra-transferencial; nesta há um efeito

direto, não mediatizado por representações, produzido sobre a “psique-soma do analista”⁹. A potência de destruição é devastadora, trazendo para o analista a morte, morte de sua realidade psíquica; é o próprio “sistema de funcionamento do paciente que é morte”; a própria psique do paciente “se reduz a um aparelho, quase uma máquina: de fragmentar, de consumir...”¹⁰.

O efeito do colar sobre Radmila seria o efeito esterilizante desta dominação e seu “rompante” de conduzir a paciente à estátua, o momento de ruptura desta teia mortífera.

Esta é a minha forma de considerar, com brevidade, os “pensamentos parasitas” no “Olhar Selvagem”.

Durante o tempo de escrita destas observações uma paciente esteve comigo. Com ela vivi, meses a fio, a dolorosa experiência de não existir, a sensação de que se eu não estivesse na sala, tudo se manteria igual. As paredes e eu, que diferença havia? Ímpetos de sair! Um dia, depois de muita exasperação, de muito me debater para prosseguir (na sala), ganhei direito de existência. É uma outra história, não mais a de Radmila, embora evocada por identificação. Identificação na luta contra a própria inércia, quando tão insistentemente reivindicada pelo outro.

“... percebi que começava a me habituar...”.

NOTAS

1. J. Lacan, Seminário *A Angústia* (1962).
2. R. Zygouris, “O Olhar Selvagem”, *Percurso* nº 11 (2/1993).
3. J. D. Nasio, *Revirão* nº 3, Rio de Janeiro (1985), p. 179.
4. R. Zygouris, op. cit.
5. R. Zygouris, op. cit.
6. R. Zygouris, op. cit.
7. R. Zygouris, *Ab! as belas lições*, São Paulo, Escuta, 1995.
8. J. B. Pontalis, “A partir de la contra-transferencia: lo muerto y lo vivo entrelazados”, in *Entre el sueño y el dolor*, Buenos Aires, Ed. Sudamericana, 1978.
9. J. B. Pontalis, op. cit.
10. R. Zygouris, “O Olhar...”